

## A ETNOGRAFIA DA MORTE NA RELIGIOSIDADE AFROBRASILEIRA NO SERTÃO PARAIBANO<sup>1</sup>

**Alba Cleide Calado Wanderley**

Professora Adjunta do Curso de Licenciatura  
em Educação do Campo(UFCG-CDSA),  
e-mail: calado@ufcg.edu.br

A África tem sido a capital fonte de inspiração para as culturas negras que se constituem e se reconstituem por toda a diáspora<sup>2</sup>, cultivando a ideia de ser africano em outros espaços geográficos, mas continuando uma; possuidora de significados que formam a identidade dos afrodescendentes em vários outros espaços que são mutáveis, construídos a partir das relações humanas e das relações identitárias que produzem significados.

Este artigo propõe apresentar a concepção e a vivência da festa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da cidade de Pombal, sertão paraibano, considerando o ritual festivo da morte. Para isso, fizemos uso da pesquisa do tipo etnográfica, da história oral e da observação participante como forma de registrar, vivenciar e interpretar esses rituais afrobrasileiros.

A cultura africana se reconstitui através da diáspora no espaço brasileiro, aqui, nas Irmandades do Rosário do Sertão Paraibano, construindo uma identidade embasada na matriz africana, que responde a uma nova realidade social. Dentre os muitos espaços da diáspora negra, marcados por forte presença da cultura africana, o Brasil se constitui um imenso legado cultural africano. Com isso, pensamos que referenciar a África, para reencontrar as “raízes perdidas”, tem sido sobremaneira importante para os movimentos negros brasileiros e as Irmandades, na tentativa de “demarcar” um espaço brasileiro com sentidos africanos, pois que a relação da história brasileira com a africana não é uma mera reconstrução de uma história da escravidão, mas uma história viva dos afrobrasileiros que levam em consideração a negritude, a cultura e a memória, ressignificadas no espaço brasileiro.

Algumas dessas Irmandades do Rosário ainda resistem ao tempo e passam por processos de construção de suas identidades, enquanto culturas afrobrasileiras. À luz do pensamento de Hall, podemos chamá-las de diáspora do povo do Rosário. Em algumas

---

<sup>1</sup> Este artigo constitui-se como um dos resultados da Tese de Doutorado em Educação (PPGE-UFPB, pesquisa financiada pela CAPES (2007-2009)

<sup>2</sup>A questão da diáspora é apresentada por Hall (2006) e por Pinho (2004) no contexto da globalização, enfocando como a população negra, exportada forçosamente ao Novo Mundo, “constitui” e “reinventa” outras identidades a partir da matriz africana.

localidades do Nordeste brasileiro, como a cidade de Pombal, no sertão da Paraíba, por exemplo, a religiosidade popular traz outras atribuições às origens das Irmandades, focalizando a sua história como um pagamento de promessa de um homem negro à Santa do Rosário. A partir das ações da Irmandade do Rosário, outros grupos se integram ao cenário da cultura africana em Pombal-PB: os Congos (grupo de origem africana), os Pontões (africanos e indígenas) e os Reisados (africanos, indígenas e europeus).

É preciso salientar que, apesar de as Irmandades serem instituições de origem europeia, voltadas para a propagação da doutrina católica, os africanos e descendentes, trazidos como negros escravizados do outro lado do Atlântico, conseguiram criar um espaço de afirmação das suas origens e das suas culturas nessas Irmandades, que também “serviram de veículo de transmissão de diversas tradições africanas, que se conservaram pela frequência dos contatos, pela conservação da língua e outras razões semelhantes” (SCARANO, 1978, p. 150).

Ademais, as Irmandades negras foram importantes espaços para a vida social dos afrobrasileiros, porque visavam ajudar os participantes em momentos de crise financeira; ofereciam assistência médica; proporcionavam um enterro digno para o irmão e sua família; garantiam uma sepultura na capela da Irmandade<sup>3</sup> e contribuíam para a compra de alforria.

Hoje, os afrobrasileiros retomam a luta pelo espaço negado historicamente e constroem outros espaços, não mais o africano, movidos por uma história africana que possa expressar os valores, a cultura e a afirmação da sua identidade. Nesse sentido, é necessário que o reduzido espaço que ocupam possa contribuir para a apropriação dessa identidade. As Irmandades do Rosário do sertão paraibano são exemplos dessa possibilidade de afirmar a identidade afrobrasileira, pois, desde os primeiros contatos entre portugueses e africanos, a Irmandade foi um dos principais espaços de mediação dessa relação.

É claro que, por estarem, nascerem e viverem em outro espaço, que não o africano, os homens e as mulheres que assumem a identidade africana são redimensionados para além de estarem em espaço “alheio”; eles constroem um terceiro espaço e passam a afirmar a identidade afrobrasileira. Trata-se de um terceiro espaço porque não é mais o africano nem o brasileiro, pois o Brasil, enquanto totalidade, não reconhece nem assume o negro. Esse terceiro espaço, no primeiro momento, fortalece a identidade afrobrasileira; no segundo, ele

---

<sup>3</sup> Segundo Reis (1991), o costume de enterrar os mortos na igreja era essencial para a salvação da alma.

passa a ser um dos primeiros passos para a construção das relações sociais no Brasil, podendo fomentar o respeito às diferenças etnicorraciais.

Ao assumirem a sua identidade, os afrobrasileiros colaboram para que as demais culturas os reconheçam como sujeitos históricos e construtores do mesmo espaço social. Dessa forma, os espaços sociais, políticos, religiosos, educacionais e culturais de que o negro participa não são concessões do Estado ou da Igreja, mas fazem parte de uma luta milenar por reconhecimento de uma igualdade de direitos.

Na África, a aceitação da “amizade”<sup>4</sup> dos Reis de Portugal supunha o reconhecimento de uma nova religião, com novas práticas e novos ritos. No entanto, Thornton (2004, p. 87) defende a ideia de que a África obteve sucesso ao resistir às primeiras tentativas de ataque da Europa, “pois só em 1579 ocorreria uma grande guerra em Angola, mas logo reprimida sem uma conclusão precisa”. Nesse sentido, a África não se manteve passiva às entradas dos europeus, como defende a historiografia tradicional.

Para Souza (2002) o batismo cristão foi entendido pelas elites da África como uma espécie de iniciação à nova religião, que abria as portas para uma série de segredos e privilégios em termos sociais e políticos. À impressionabilidade da cultura do outro, discretamente ecoavam as interpretações africanas do batismo, sem saberem qual era o verdadeiro objetivo dos portugueses.

O batismo cristão, pelo seu poder de inserção no novo contexto político e religioso, parece ter sido, em um primeiro momento, manipulado pelas elites da África, como uma prerrogativa restrita aos nobres e soberanos da terra. Antes de permitir aos seus subordinados o acesso à iniciação dos brancos, as elites africanas fizeram questão de garantir sua primazia e, portanto, autoridade sobre o novo culto.

A nova religião, trazida de além-mar, sem desconsiderar seus atributos mágico-religiosos, foi reconhecida pelos reis africanos por seus poderes temporais. Os soberanos da África acreditaram que os novos ritos e os novos objetos sagrados fortaleciam seus poderes. Portanto, era fundamental garantir o acesso a eles e controlar sua propagação.

A entrada do Catolicismo não significou, de modo algum, o abandono das antigas crenças e dos costumes tradicionais, exemplos disso, são os rituais festivos de coroação dos

<sup>4</sup>Ver: André Gunder Frank, *Capitalism and Underdevelopment in Latin America* (Nova York, 1969); Walter Rodney, *How Europe Underdeveloped Africa* (Londres, 1972; reeditado em Washington D.C., 1974); Immanuel Wallerstein, *The Modern World System* (Nova York, 1974) e Eric Wolf, *Europe and the People without History* (Berkeley, 1982). Esses autores, apesar de inspirados na Escola dos Annales, ainda concordam que a África teve um papel passivo nas suas relações com a Europa.

reis negros, o culto aos deuses africanos, e ainda, a ideia de morte vivida nos rituais dos afrobrasileiros em diversas localidades do Brasil. O mesmo não pode ser afirmado de forma generalizada em relação aos demais habitantes da África na proposta de aceitarem o Catolicismo. Essa não-aceitação, não-obediência dos africanos às normas dos reis pode ser observada em um trecho da letra da música dos Congos de Pombal: “Nosso reis aqui não manda / Nosso intuito é de folgar / Cum onze bunda, cum onze pé / cum vontade e calcanhar”<sup>5</sup>. A música aponta para uma resistência dos africanos à imposição cultural e à afirmação expressiva de sua liberdade, pois, segundo Scarano (1978, p. 60), “a conversão era indispensável e constituía crime adotar outras crenças ou com elas simpatizar, pois isto abalaria as próprias bases do sistema de vida, o que não podia ser tolerado”.

Para Souza (2002), essa tentativa de impor a religião do branco à África foi “aceita” apenas pelos Reis, porquanto, além de ficarem impressionados com a cultura do outro, queriam também impressionar os demais negros africanos, visto que percebiam essa possibilidade de impressionar como um instrumento de poder nas suas relações, o que nos leva a entender que, antes da invasão dos europeus à África, aquele povo vivia em certa harmonia, numa comunidade solidária, é claro, com alguns conflitos, como é comum nas relações sociais. O que não se fazia presente era o desejo de dominar de forma tão acesa como se processou a partir dos contatos com os europeus, que já traziam a ambição capitalista, a imposição cultural e a relação de inferioridade e superioridade racial. Com esse argumento, podemos pensar que a identidade africana já começava a ser diferente da sua matriz inicial, no entanto, sem perder alguns elementos de sua matriz, os rituais, as danças, as crenças, e a própria ideia de morte, como passagem para a vida.

## A FESTA DA MORTE

Em janeiro de 2008, estávamos em Pombal, ainda em trabalho de campo, quando fomos surpreendidas pelo falecimento de dois membros da Irmandade do Rosário, integrantes dos Congos<sup>6</sup>. Esse fato nos revelou a concepção de morte para a cultura afrobrasileira. A morte não é representa o final de vida para a cultura afrobrasileira, essa a concebe a vida e,

---

<sup>5</sup>Cantos e embaixada dos congos (Congos de Pombal).O número onze refere-se à quantidade de dançantes, com exceção do embaixador, secretário e rei.

<sup>6</sup> Esse fato diz respeito ao falecimento de Raimundo e de Ninon (primos). Ambos faleceram no mesmo dia, com causas-morte diferenciadas.

com a morte, a energia vital é dissipada. Para que isso não aconteça, é necessário energizar aquele que morre, realizar um ritual para preservar a energia vital mesmo após a morte.

A religiosidade afrobrasileira, em alguns lugares, carrega uma herança norteadada pela matriz africana, condicionando a ideia de morte ao ciclo da vida. “A morte não é uma ruptura, é uma mudança de vida, uma passagem para outro ciclo de vida (...)” (p.10-11). Em vista disso, muitas pessoas preparam de antemão o seu próprio funeral, guardando dinheiro. Os grandes funerais africanos são festas ruidosas que reúnem pessoas de todas as idades num ambiente de excitação sustentado pelas danças, cantos, arengas, ritmos de tambores, comidas e libações (MUNANGA, 2007). Apesar de acreditarem que a morte não é o ponto final da vida, é importante esclarecer que, ao contrário do que se poderá supor, esse entendimento não significa que eles tinham a ideia de reencarnação, nos moldes das doutrinas reencarnacionistas. Para eles, a existência neste mundo seria única.

Esse ritual – funeral –que presenciamos, dividiu-se em três momentos: velório, enterro e luto. Os corpos dos mortos permaneceram nas suas residências, sendo visitados por familiares, amigos e pela comunidade. Os corpos foram zelados desde a higienização até a boa aparência do morto. Estavam vestidos com roupas novas e, ao lado do ataúde, estava exposta a roupa tradicional dos Congos. Todos esses cuidados com os mortos demonstram a sua importância para a cultura afrobrasileira. Nesse sentido, assevera Reis (1991, p. 114):

O cuidado com o cadáver era da maior importância, uma das garantias de que a alma não ficaria por aqui penando. Cortavam-se cabelo, barba, unhas. O banho não podia tardar, sob pena de o cadáver enrijecer, dificultando a tarefa. Os nagôs acreditavam que a falta dessa cerimônia impedia o morto de encontrar seus ancestrais, tornando-o um espírito errante.

Assim, para a Irmandade do Rosário, o morto é muito importante, não só porque é um elo entre os homens e a sua existência, mas também porque é um símbolo de aprendizagem para os vivos. O morto deixa uma lição, uma herança cultural aos seus descendentes. Portanto, a roupa tradicional dos Congos exposta ao lado do ataúde representa esse bom exemplo de vida.

Como se tratava de dois mortos que residiam em localizadas diferentes, os Congos realizaram dois trajetos para a condução dos corpos até a Igreja de São Pedro, localizada no Bairro dos Pereiros. Esses trajetos seguiram uma estrutura padrão, pois, o cortejo ao morto é uma prerrogativa assegurada pelo Estatuto da Irmandade do Rosário de Pombal, em que

aponta o “Art. 43 – O irmão que, pelo estado de verdadeira indigência, não puder ser sufragado pela sua família, será enterrado modesta e decentemente pela Irmandade” (COMPROMISSO DA IRMANDADE DO ROSÁRIO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DA CIDADE DE POMBAL, 1913, p. 7)<sup>7</sup>. É também obrigação do Juiz e dos irmãos fazer gestão para a preparação e o acompanhamento do enterro. Isso também assinala o poder de organização e de comunicação do grupo.

Art. 29. Ao juiz compete: [...] § 6º. Empregar todos os meios para que os irmãos mortos sejam acompanhados, sepultados e suffragados [...]  
Art. 40. Os irmãos em geral, são restrictamente obrigados: § 1º. A acompanhar os irmãos mortos a sepultura, quando disto tiverem noticia, e a suffragar as suas almas rezando um terço do Rosário de Nossa Senhora (COMPROMISSO DA IRMANDADE DO ROSÁRIO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DA CIDADE DE POMBAL, 1888: p. 5-7).<sup>8</sup>

Seguindo o trajeto do enterro, os Congos, organizados em duas filas (azul e vermelha), saíram das residências do velório na frente; em seguida, os parentes e amigos conduziam o corpo do morto. As crianças (netas dos mortos) seguiam com flores, com o chapéu e a roupa tradicional dos Congos. Esses aparatos simbolizam a herança deixada para os netos. Durante o trajeto, ouvíamos dois sons: um eram as badaladas do sino da igreja, anunciando a chegada dos mortos e convidando a população para o ritual de despedida. O outro era emitido pela vibração dos maracás<sup>9</sup>, dividido apenas por dois toques. Mesmo assim, o trajeto foi conduzido por um grande silêncio. O silêncio dos afrobrasileiros que assistem à morte visa, simbolicamente, a uma suspensão dos acontecimentos do mundo. O fluxo de existência é provisoriamente parado em testemunho da dor sentida. O ritual é uma obrigação cultural em relação à lembrança, mantendo os corpos e as palavras na mesma postura.

O trajeto é interrompido, algumas vezes, ao passar em frente à casa dos familiares do morto, onde é realizada uma parada para despedida e para que o corpo possa visitar, pela última vez, a residência, pois a visita aos familiares é um costume do morto em vida. Os familiares mantêm um diálogo com o morto, falam com ele, interiormente ou em voz alta, recordam momentos especiais, lamentam os mal-entendidos, as ocasiões perdidas, os

<sup>7</sup>2 Compromisso da Irmandade.

<sup>8</sup>1 Compromisso da Irmandade.

<sup>9</sup> Instrumentos usados pelos congos nas apresentações, construído de flandres e chumbo.

momentos em que se esqueceram de que um dia só lhe restaria recordar. Ao adentrar a Igreja de São Pedro, os corpos são aplaudidos, os sinos enfatizam as badaladas, os Congos vibram por várias vezes seus maracás. Em seguida, as pessoas se aproximam dos corpos para as despedidas, sempre ao som dos maracás. O ritual litúrgico segue os passos norteadores da Igreja Católica, no entanto, o clima não é de enterro, mas de festa.

A despedida realizada não enfoca as lamentações, expõe a contribuição dos mortos para a sociedade. A despedida ainda anuncia a convocação dos mortos por Nossa Senhora do Rosário e, por isso, os que assistem ao funeral são consolados. Nesse caso, não se celebra a morte, mas a passagem de um ciclo - nascimento-morte-renascimento - de uma energia que conduz o morto a outra vida. Para Eliade (1992), o homem religioso não sente a morte. A morte não põe um termo definitivo à vida. Assim, esse ritual fúnebre dos dois congos, membros da Irmandade do Rosário de Pombal, são ritos de passagem, em que ocorre a separação física do mundo, a agregação do morto ao mundo dos seus ancestrais.

A morte é percebida pelos afrobrasileiros, membros da Irmandade do Rosário, como outra modalidade da vida. Com a morte, eles se encontram com os outros membros dos grupos e protegem os que ainda estão no plano físico. Por essa razão, a despedida do morto valoriza os exemplos deixados por ele como uma lição de aprendizagem. Completando o ciclo do funeral, os afrobrasileiros voltam do enterro e passam para a fase do luto, um sentimento humano de pesar pela morte de outro ser humano. Para os afrobrasileiros, o luto é coletivo, um momento em que eles podem pedir proteção aos que estão de passagem para esse outro ciclo da vida. No entanto, é um processo que começa com a morte e é eterno, no sentido de que fica no coração e na mente das pessoas.

Nessa direção, Brandão (1984) referindo-se à religiosidade, menciona que, no culto religioso, as pessoas cantam, dançam e representam, sendo que tudo o que fazem não são apenas celebrações, mas ensino. E não ensinam apenas as artes do canto, da dança e do drama, mas a codificação da vida social e a recriação, através dos símbolos que se dança, que se canta e que se representa, da memória e da identidade dos grupos humanos.

Assim, entendemos que as Irmandades do Rosário do sertão paraibano são espaços de produção, recriação e articulação do saber. Suas festas, suas crenças, seus grupos de expressão, tanto religiosa quanto cultural, são manifestações que expressam os saberes da cultura afro-brasileira. Para entender esse processo, amparamos-nos no pensamento de



Brandão (1984), que aborda a educação como uma vivência de saberes e uma partilha do poder dentro de um mundo coletivo.

Ela se realiza em todas as situações onde, a partir da reflexão sobre a prática de movimentos sociais e movimentos populares, as pessoas trocam experiências, recebem informações, criticam ações e situações, aprendem e se instrumentalizam. A educação popular não é uma atividade pedagógica para, mas um trabalho coletivo em si mesmo, ou seja, é o momento em que a vivência do saber compartilhado cria a experiência do poder compartilhado (BRANDÃO, 1984, p.72).

Na Irmandade do Rosário, as práticas religiosas através das festas e dos grupos culturais, representam a vontade de criar espaços autônomos, nos quais os manejos dos poderes se realizem de forma compartilhada, dentro de uma crescente relação de iguais. Assim, nesse espaço os negros vivem no cotidiano em interação com os outros. São seres concretos e participam de uma dupla articulação: enquanto são influenciados, são também construtores da quantidade e da qualidade dessas relações, que são mediadas pela cultura, pela memória e pela história, que formam a identidade cultural. Os conteúdos que trocam são as experiências que produzem, o saber é em conjunto e, além dos aspectos da subjetividade, esse saber, essa cultura lhe ensinam as formas de sobrevivência.

A história das Irmandades do Rosário do sertão paraibano é construída por meio da participação de seus membros, com marcas diferentes devido ao contexto social, ao tempo-espaço e à razão de entrada na Irmandade, mas iguais ao construir o sentimento de pertença. São membros que almejam objetivos comuns enquanto grupos, mas têm posições diferentes. Assim, todos os membros são importantes para a Irmandade e são respeitados de forma igual, porquanto cada um carrega suas experiências e histórias que contribuem para a história das Irmandades do Rosário.

É esse conjunto de valores religiosos-culturais que vão responder pela identidade dos afrobrasileiros no sertão da Paraíba. Esse sentimento de pertença faz que os povos africanos cresçam com a consciência de que são diferentes do outro. Muniz Sodré (1999, p. 45-47) diz que a “ideia de cultura aqui vale a de uma unidade de identificações”. A cultura é uma maneira de abordar o real. Por isso mesmo, numa religião de brancos, o negro participa do sagrado dele ou se aproxima com os olhos e concepções de sua cultura. Assim, a identidade cultural anuncia e provoca um sentimento de pertença (SODRÉ, 1999).

Para que possa, firmar sua identidade, os afrobrasileiros não precisam repetir o mesmo modelo de conduta recebido pela cultura branca, o qual deseja extinguir. Eles devem



permanecer numa militância constante, reconstruir os valores de sua cultura e de sua história. Os que assumem essa postura militante, tais como os negros da Irmandade do Rosário do sertão paraibano, buscam maneiras de articular seu senso de negritude, em um plano de ação e de compromisso como participantes de um grupo. Deixam de se referenciar no preconceito e na condição de oprimidos (FREIRE, 1998), para construir e conquistar espaços que se estendem desde as Irmandades à participação direta na política brasileira, lutando por políticas públicas que lhes assegurem o direito de viver dignamente com seus diferentes.

## CONSIDERAÇÕES

A Festa do Rosário de Pombal-PB propicia o reencontro das pessoas com a cidade e de dinamizarem as suas atividades, são espaços de socialização dos saberes, dentre eles, as reuniões, os encontros nas casas dos membros, nos finais de semana, as conversas na calçada da igreja, no momento da celebração do culto, e as histórias narradas pelos mais velhos das Irmandades. Já para os negros dessas Irmandades, essas Festas resgatam a cultura de matriz africana, são uma forma de manter viva a lembrança da África, colaborando para a construção da identidade afrobrasileira. A amplitude da noção de festa é enfocada pelos protagonistas deste trabalho também no momento da morte, entendida como outra modalidade da vida, visto que aproxima os vivos da sua ancestralidade. A morte não era temida, pois era entendida como passagem para a continuidade da vida, sendo que na vida terrena os bons exemplos deixados ajudaria ao morto encontrar a próxima vida, como também, serviam também como ensinamentos para os mais jovens.

Na religiosidade afrobrasileira a ideia de mortese reconstituem através da diáspora no espaço brasileiro, construindo uma identidade embasada na matriz africana, que responde a uma nova realidade social. Dessa forma, estamos bem mais preocupadas com a construção da identidade afrobrasileira e da conquista de um espaço de afirmação identitária do que com a preservação de possíveis ‘africanismos’, pois fazer a transposição direta da cultura africana para a América é não levar em consideração as transformações ocorridas num processo histórico marcado pela escravidão e pela diáspora. É impossível que um grupo, ainda que seja bem estruturado e dotado de liberdade, possa se transferir intacto de um local para outro. A identidade dos afrobrasileiros que constituem a Irmandade do Rosário é um exemplo de que essa “transposição” modela a sua cultura vista hoje no espaço brasileiro.

Compreendemos que o objetivo das Irmandades do Rosário do sertão paraibano é, atualmente, o de esquadriñar elementos do passado para afirmar uma identidade que atenda à realidade onde estão inseridos, promover a tradução de uma tradição cultural dos seus antecedentes e lutar por espaços que possibilitem a multiplicação dessa identidade. Sendo assim, essas identidades passam a elucidar uma ancestralidade com a qual continuam mantendo certa correspondência.

#### REFERENCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

COMPROMISSO DA IRMANDADE DO ROSÁRIO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DA CIDADE DE POMBAL-PARAIBA, 1º. Aprovado pela Lei Provincial Nº 858, de 10 de novembro de 1888. p. 9-22.

COMPROMISSO DA IRMANDADE DO ROSÁRIO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DA CIDADE DE POMBAL. 2º. Arquivo da Diocese de Cajazeiras, 1913.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua:** Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil, São Paulo: Brasiliense, 1985.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

MACLAREN, Peter. **Rituais na escola:** em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação. Tradução Juracy Marques e Ângela Biaggio. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1992.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 2007.

NERI, Edmilson Evaristo. **Festa do Rosário, tradição e fé:** poesia, história e literatura. Pombal: Andyara, 2001.

REIS, João José. Identidade e diversidade étnicas nas irmandades negras no tempo da escravidão. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1996.

\_\_\_\_\_. **A morte é uma festa:** ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SCARANO, Julia. **Devoção e escravidão**: a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito de Diamantino do Século XVIII. São Paulo: Nacional, 1978.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SOUZA, Marina de Mello e. **Reis Negros no Brasil Escravista**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

THORNTON, John. **A África e os africanos na formação do Mundo Atlântico – 1400-1800**, 2 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.